



A PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE JASPERS, A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE HEIDEGGER E A ANALÍTICA EXISTENCIAL DE BINSWANGER: UMA ALUSÃO CONCEITUAL

PSICOPATOLOGÍA FENOMENOLÓGICA DE JASPERS, FENOMENOLOGÍA EXISTENCIAL DE HEIDEGGER Y ANÁLISIS EXISTENCIAL DE BINSWANGER: UNA ALUSIÓN CONCEPTUAL

JASPERS'S PHENOMENOLOGICAL PSYCHOPATHOLOGY, HEIDEGGER'S EXISTENTIAL PHENOMENOLOGY AND BINSWANGER'S EXISTENTIAL ANALYTICS: A CONCEPTUAL ALLUSION

Karoline Silveira de Souza¹

RESUMO: Este artigo foi produzido a partir da monografia “Fenômeno Psicótico, uma visão da fenomenologia: algumas considerações”, apresentada como conclusão do curso de graduação em Psicologia para a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em dezembro de 2016. Possui como objetivo conhecer a leitura da fenomenologia sobre a saúde mental, teoria pouco difundida na universidade. Para realização deste estudo exploratório, a metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica realizada em periódicos com temática pertinente a este trabalho, buscando na produção de artigos de terceiros a contribuição de três autores, a saber: Karl Jaspers, Martin Heidegger e Ludwig Binswanger. Cada teoria tem em sua contribuição um caráter essencial para a construção de uma visão da doença mental, na medida em que seus estudos e pesquisas geraram conhecimentos sobre a doença. O que se percebe é que a mudança da percepção do sujeito doente gera também mudanças na maneira de tratá-los.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia; Psicopatologia; Saúde Mental.

RESUMEN: Este artículo fue elaborado a partir de la monografía “Fenómeno psicótico, una mirada a la fenomenología: algunas consideraciones”, presentada como conclusión de la carrera de psicología de la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais en diciembre de 2016. Tiene como objetivo conocer la lectura de la fenomenología en salud mental, teoría poco extendida en la universidad. Para la realización de este estudio exploratorio, la metodología utilizada fue la investigación bibliográfica realizada en revistas con temática pertinente a este trabajo, buscando en la producción de artículos de terceros el aporte de tres autores, a saber: Karl Jaspers, Martin Heidegger y Ludwig Binswanger. Cada teoría tiene en su aporte un carácter esencial para la construcción de una visión de la enfermedad mental, ya que sus estudios e investigaciones generaron conocimiento sobre la enfermedad. Lo que se percibe es que el cambio en la percepción del sujeto enfermo también genera cambios en la forma de tratarlo.

PALABRAS CLAVE: Fenomenología; Psicopatología; Salud mental.

ABSTRACT: This article was produced from the monograph “Psychotic Phenomenon, a view of phenomenology: some considerations”, presented as a conclusion of the undergraduate course in Psychology for the Pontifical Catholic University of Minas Gerais in December 2016. It aims to know the reading of phenomenology on mental health, a theory that is not widespread in the university. To carry out this exploratory study, the methodology used was the bibliographic research carried out in journals with thematic pertinent to this work, seeking in the production of third party articles the contribution of three authors, namely: Karl Jaspers, Martin Heidegger and Ludwig Binswanger. Each theory has in its contribution an essential character for the construction of a vision of mental illness, insofar as their studies and research have generated knowledge about the illness. What is perceived is that the change in the perception of the sick subject also generates changes in the way of treating them.

KEYWORDS: Phenomenology; Psychopathology; Mental health.

¹ karolinesouzapsi@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A importância do trato da saúde mental é evidenciada no volume de estudos acerca do tema, presente na área da psiquiatria, psicologia e outros mais. O tema deste estudo surge através do interesse na compreensão da relação entre a psicopatologia e a fenomenologia e suas diferentes leituras. Assim, buscou-se aprofundar os conhecimentos acerca da teoria supracitada, compreendendo a percepção que esta possui do fenômeno psicótico, suas implicações e perspectiva de tratamento.

Tendo em vista, os diferentes recortes encontrados para compreensão do tema, optou-se a partir de leituras da bibliografia realizada, por direcionar a referida análise na teoria de três grandes marcos acerca da temática: a psicopatologia fenomenológica de Karl Jaspers; a fenomenologia existencial de Martin Heidegger; e a analítica existencial de Ludwig Binswanger.

Ao considerar toda a expansão e importância das obras desses autores, reconhece-se a impossibilidade de apresentar neste estudo, todo o construto teórico por eles apresentados; assim sendo, buscou-se realizar uma alusão acerca de seus principais conceitos e implicações no trato com a saúde mental, apresentando ao leitor um terreno por vezes ainda desconhecido e provocando para o movimento de produzir mais leituras e estudos sobre o tema.

Para isso, a construção deste estudo se deu a partir de levantamentos bibliográficos, que “caracterizam-se pelo uso e análise de documentos de domínio científico, tais como livros, teses, dissertações e artigo” (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2020, p. 84). A revisão de literatura aconteceu por meio de pesquisa de periódico e livros pertinentes ao tema, o que para Gil (2008, p. 45) “é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos.”

2 PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA- KARL JASPERS

Karl Theodor Jaspers (1883-1902) era médico psiquiatra alemão e também professor de filosofia na Universidade de Heidelberg. Em sua época a psiquiatria era pertencente às ciências da natureza e tinha como base um modelo causalista-explicativo. O autor em seus estudos pretendia levar esse modelo até às ciências humanas (MOREIRA, 2011, p. 172).

Para que isto fosse possível, o autor introduz o método fenomenológico na construção de sua obra *Psicopatologia Geral*, algo inédito. Sua obra trouxe destaque para a psicopatologia, que passou a se diferenciar da psiquiatria.

Oferecemos acima, ainda que em linhas gerais, os propósitos e métodos da fenomenologia, que certamente tem sido praticada desde os primórdios da psiquiatria, mas jamais teve oportunidade de um desenvolvimento sem entraves. (JASPERS, 2005, p. 784).

Jaspers sugere “a psicopatologia descritiva ou fenomenologia como um programa frutífero e convoca às explorações na área” (RODRIGUES, 2005, p. 758). Em suas obras, o fenômeno é recortado, descrito e classificado. Sendo assim alguns conceitos e nomeações foram estabelecidos, para que fosse possível as realizações das classificações necessárias, delimitando, assim, o fenômeno.

Assim, antes se iniciar uma investigação válida, é necessário: identificar os fenômenos psíquicos, estabelecendo semelhanças e diferenças entre eles, representando-os, definindo-os e classificando-os; o autor aponta que “o primeiro passo em direção a uma compreensão científica deve ser classificar, definir, diferenciar e descrever os fenômenos psíquicos particulares” (JASPERS, 2005, p. 773), pois “somente assim, a abordagem à subjetividade deixaria de ser um mero compartilhamento de experiência para se tornar conhecimento sistematizável, comunicável e testável. Isto caracterizaria a própria fenomenologia” (RODRIGUES, 2005, p. 758).

A sua obra *Psicopatologia Geral*, de 1913, apesar de ser reconhecida e a mais difundida sobre o seu trabalho, não encontra-se maior detalhamento de seu construto teórico, pois “discorre sobre o tema apenas de maneira bastante superficial, “embora o autor se estenda, ali, no que concerne à descrição “fenomenológica” das experiências específicas, pouco se atém ao detalhamento quanto ao método” (RODRIGUES, 2005, p. 756).

Entretanto, é na sua obra anterior, de 1912, conhecida como a *Abordagem Fenomenológica em Psicopatologia*, que se encontra a melhor definição do método e da fenomenologia necessários para este estudo. Nesta obra, Jasper aponta a importância de isolar o fenômeno para sua compreensão, afirmando que o profissional deve se ater “apenas o que de fato se apresenta à consciência do paciente [...] devemos de eixar de lado todas as teorias antiquadas” (JASPERS, 2005, p. 784).

A etapa do isolamento do fenômeno é reiterada pelo autor, como indispensável, no entanto, também é reconhecido que “está peculiar liberdade de preconceções que a fenomenologia demanda não é algo que alguém consegue obter desde o início, mas é algo laboriosamente conquistado” (JASPERS, 2005, p. 774). Isto, pois para Jaspers (2005, p. 784), “à fenomenologia interessa apenas a experiência real, apenas o perceptível e o concreto [...]”.

Além da importância do isolamento do fenômeno, o autor traz outras importantes informações que estão imbricados em seu método. Assim serão apresentadas, de modo que ainda inicial para maior ciência da teoria do autor explanado.

2.1 Sintomas Objetivos x Sintomas subjetivos

Há uma diferença essencial apontada pelo autor acerca dos sintomas objetivos e subjetivos; o primeiro inclui eventos perceptíveis e concretos, que são compreensivos, percebidos por qualquer um com capacidade sensório-perceptiva; e o segundo é aquele que não é percebido pelos sentidos, só é compreendido através da empatia, por ser uma realidade interna subjetiva de quem a vivencia. (JASPER, 2005, p. 769-770)

Sobre esse último, tem-se como exemplo as emoções, como alegria e tristeza, que só percebemos indiretamente através da exposição do próprio paciente. Para Jaspers (2005, p. 770).

‘[...] Apenas os sintomas objetivos oferecem certeza; por si mesmos, eles constituem uma base para o estudo científico, enquanto os sintomas subjetivos, embora não possamos renunciar facilmente aos mesmos nas nossas avaliações preliminares, são considerados bem pouco confiáveis para fazer-se julgamentos finais e infrutíferos para o propósito de qualquer investigação científica adicional. “

2.2 A atitude empática

Para compreensão do fenômeno ressalta-se a importância da atitude empática, no entanto, Jasper também reitera suas limitações. O psiquiatra pode compartilhar da experiência do paciente de forma espontânea, mas não construir uma base sólida que vá além de suas próprias percepções, tornando aquilo algo meramente subjetivo. Para Jaspers, acerca desta atitude empática meramente subjetiva “podemos apreciar este tipo de compreensão, podemos admirá-la pelas valiosas qualidades humanas que revela; mas jamais podemos reconhecê-la como “ciência” (JASPER, 2005, p. 785).

Assim, ressalta-se em Jaspers (2005, p. 773) a necessidade de se construir uma compreensão consciente dos fenômenos mentais de algo que se nomeie, que tenha terminologia e formas definidas.

contudo, se ainda desejamos desenvolver uma ciência psicológica devemos, por um lado, reconhecer desde o princípio que seu ideal é uma compreensão plenamente consciente dos fenômenos mentais, de um tipo que possa ser apresentada por meio de terminologia e formas definidas. (JASPERS, 2005, p. 785).

Isso denota a exigência de uma cientificidade na obra de Jaspers, pois a atitude empática descuidada poderia conduzir o profissional a ter perspectivas do fenômeno que não condizem com o que de fato se apresenta.

2.3 Isolando e classificando os fenômenos

O autor classifica os fenômenos em três grupos diferentes, a saber: fenômenos conhecidos pela experiência; fenômenos entendidos como exageros, atenuações e combinações de fenômenos que já foram experimentados; e fenômenos patológicos que são caracterizados por serem inacessíveis a qualquer compreensão empática, a não ser através de metáforas. (JASPERS, 2005, p. 778).

Para a descrição do método fenomenológico o autor descreve três momentos indispensáveis, com o objetivo de “apreender, delimitar um elemento particular, e retratá-lo com fim de construir uma noção do mesmo, [...] além de lhe provermos um nome pelo qual podemos sempre identificá-lo” (JASPERS, 2005, p. 778). Para aplicação deste método, Jaspers (2005, p. 778) retrata:

1. Imersão nos gestos, comportamentos e movimentos expressivos dos pacientes;
2. Exploração pelo questionamento direto ao paciente, usando também a avaliação que os próprios pacientes fazem dessa condução;
3. Autodescrições escrita, que não consideradas muito boas, mas possuem alto valor.

Assim, a fenomenologia difundida por Jaspers, busca uma classificação que “organize os fenômenos psíquicos conforme suas similaridades fenomenológicas entre si, tal como um infinito número de cores são organizadas num espectro de uma maneira fenomenologicamente satisfatória” (JASPERS 2005, p. 783).

E para isso, o método se torna o orientador significativo em que “usando esses métodos, tentamos nos aproximar da vida psíquica do paciente” (JASPERS, 2005, p. 777)

Com suas principais obras, a *Psicopatologia geral e a Abordagem Fenomenológica em Psicopatologia*, que esmuiçam o método, Jaspers parece ter alcançado o que se propunha no sentido de criar obras com vistas à cientificidade no estudo da doença mental. No entanto, para Rodrigues (2005, p. 766) acerca da obra de Jaspers, concluiu que “desde suas bases – a

adequada demarcação e definição dos seus sinais e sintomas – ainda se encontra por ser edificada”.

3 A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE HEIDEGGER

O autor principal da fenomenologia existencial, é Martin Heidegger (1889-1976) que atuou por vários anos com Edmund Husserl “o fundador da Fenomenologia” (ROEHE, 2006, p. 153) e por ele foi fortemente influenciado. No entanto, os caminhos tracejados por esses dois autores, tomaram fins diferentes, enquanto para “Husserl, os fenômenos são acessíveis pela intencionalidade que caracteriza a consciência humana, [...] para Heidegger, os fenômenos são acessíveis pelo modo humano de ser [...]”. (ROEHE, 2006, p. 153)

O método fenomenológico proposto por Heidegger, também encontra diferentes saídas em detrimento as obras de Jaspers, em que para Moreira (2001, p. 176) ele não limita seu pensamento a “descrever as vivências dos doentes e seus encadeamentos psíquicos[...] como o faz Jaspers, mas apreender as condições particulares de existência de um indivíduo singular em relação aos existenciais [...]”.

Foi a partir da sua obra de *Ser e Tempo* em 1927 que o autor desenvolve a chamada fenomenologia existencial. Reafirmando a partir de uma possibilidade de uma “antropologia ôntica daseinsanalítica o estudo dos fenômenos humanos situados em um contexto histórico-social específico e orientados pelos existenciais” (CARDINALLI, 2015, p. 254).

Em *Ser e Tempo*, “o filósofo alemão focaliza sua análise no ser dos entes enquanto tal, e não pela via da metafísica clássica que recorre à descrição e classificação das características definidoras do existir dos entes” (PEREIRA, 2001. 139); se afastando novamente de Jasper. Isto, pois, para Heidegger, as características fundamentais do ser humano são modos possíveis de ser, e não são qualificadas enquanto propriedades ou qualidades (CARDINALLI, 2015, p. 250).

Isto, é reconhecido e nomeado pelo autor, como Dasein, importante conceito por ele explicitado “Dasein é o ente que, sendo, descobre, revela o Ser – o que e como algo é.” (ROEHE, 2006, p. 154). Nesse sentido, ser-no-mundo é um traço fundamental do ser homem e se apresenta como uma unidade, “embora em sua unidade possa ser interpretado sob vários aspectos” (HEIDEGGER, 1987/2009, p. 179 apud CARDINALLI, 2015, p. 250).

O Dasein é o ser-aí, e ao decorrer sobre o assunto, Heidegger propõe dois planos para ele: o ôntico e ontológico. Roehe (2006, p. 154) aponta que “o ser-ontológico do homem é ser o lugar (o aí) da descoberta e do encontro com todos os demais entes; e o ôntico, é o homem

que estar sempre em meio aos outros, como se fosse mais um entre eles, identificando-se com ele”.

Coexistindo, a relação ôntica e ontológica fazem parte do ser e são fundamentais para sua existência, pois é na função de compreender o ser, que ele se torna ontológico; e essa compreensão, por mais que por vezes vaga, ocorre em meio ao contato com os demais, e é em “função de estar (ser) em meio aos demais entes e identificar-se com eles numa cotidianidade mediana, o ser humano é ôntico” (HEIDEGGER, 1927/1993 apud ROEHE, 2006, p. 154).

A relação ôntica e ontológica fazem parte da construção de sentido do ser que “orienta não somente as escolhas, mas também como a pessoa vivencia as situações específicas de sua vida [...] se revela pela maneira como alguém se relaciona consigo mesmo, com os outros e o mundo em que vive. (CARDINALLI, 2015, p. 251).

Avançando na perspectiva teórica de Heidegger as dimensões fundamentais e constituintes do Dasein, são: “temporalidade, espacialidade, o ser-com-o-outro, a disposição, a compreensão, o cuidado (Sorge), a queda e o ser-para-a-morte. (PEREIRA, 2001, p. 140). Com uma atenção significativa aos conceitos de temporalidade, espacialidade; inclusive adotados por Ludwig Biswanger; e o ser para a morte serão aqui esmiuçados.

Acerca da temporalidade, “salienta que, mesmo cotidianamente, o homem não apenas conta o tempo, mas também conta com o tempo para realizar e decidir suas atividades” (CARDINALLI, 2015, p. 251). envolve “sempre os três êxtases: o futuro (advir), o passado (retrovir) e o presente (apresentar)” (CARDINALLI, 2015, p. 251). O futuro, correlacionado com o vir a ser e a possibilidade da finitude é reiterado por Heidegger, que pode se “revelar por meio dos projetos existenciais que solicita o ser-aí para sua realização” (CARDINALLI, 2015, p. 251).

Em contrapartida, também explicitaria a finitude do ser que ao direcionar-se para o futuro, encontra-se com a possibilidade iminente de morte. O homem vive se esquivando dessa realidade, e apesar de ser reconhecida em nossa sociedade com algo que destrói, a morte é percebida por Heidegger, como “possibilidade de não mais poder estar aqui que faz parte da existência: logo que nasce o homem está lançado à possibilidade de morrer e assim é constituído por ela” (CARDINALLI, 2015, p. 252). Assim, “toda a possibilidade de compreensão do existir humano dependerá da temporalidade, enquanto continuidade histórica e enquanto finitude (PEREIRA, 2001, p. 140).

A corporeidade, outra perspectiva evidenciada por Heidegger “é uma das esferas do nosso ser, nela se atualiza a existência humana, que engloba os fenômenos do “corpo” e da “alma”, do somático e do psíquico” (FEIJOO; MATTAR, 2015, p.658). A compreensão de

corporeidade está interligada a noção de espacialidade, da leitura que se tem não somente do corpo físico, mas há um corpo em movimento inserido em um tempo-espço.

A espacialidade do ser-no-mundo, e a sua compreensão do corpo atravessada apenas pelo aspecto biológico e físico, é para este autor, equivocada, isto pois conforme apontado por Feijoo e Mattar (2015, p. 655) para Heidegger “o corpo vai muito além de sua materialidade, por isso nele se incluem seus direcionamentos”. Compreendendo a corporeidade enquanto movimento/direcionamento, é passível de reflexão, a relação coexistente deste termo, para os demais, “ênfatizando, assim, que essas características se apresentam interligadas em um nexo estrutural, não podendo ser apreendidas como partes separada” (CARDINALLI, 2015, p. 253).

Assim, a corporeidade é compreendida como indissociável dos outros âmbitos da existência, ao ser considerado o ser humano como uma totalidade (CARDINALLI, 2015, p. 253). Estas dimensões podem contribuir para a compreensão de patológico para Heidegger que transpondo a perspectiva de outros autores, não incide a divisão do normal e patológico, compreendendo que “a doença é uma estagnação de possibilidades vitais na corporeidade. A existência estagnada e reduzida somente à corporeidade aparecerá sob um aspecto patológico e anormal” (FEIJOO; MATTAR, 2015 p.658).

Assim, a fenomenologia existencial proposta por Martin Heidegger, realiza uma transposição, levando a uma releitura do ser, agora enquanto ôntico e ontológico. Compreendendo assim, uma leitura de um ser que não somente existe, mas coexiste em seu meio ao que é transformado, e a ele transforma, se distancia da cisão concreta de sujeito e objeto antes postulada. Conforme apontado por Roehle (2006, p.154) “em Heidegger o ser humano já está junto aos objetos que, por sua vez, não são coisas externas, mas sim constituem o mundo, na forma das diferentes com relações que o ser estabelece com as coisas”.

Portanto, a compreensão do ser-ai complexifica exigindo do profissional a inclinação a uma leitura de um ser mais amplo, imbricado em suas teias relacionais com o meio, ou seja “o existir humano é compreendido como uma totalidade significativa, uma vez que a compreensão de si mesmo e do que se apresenta do mundo é impregnada por uma trama significativa e orientada por um projeto de realização”. (CARDINALLI, 2015, p.250).

Apesar de Heidegger trazer uma nova e importante leitura do ser-ai, é somente com outros autores que suas ideias puderam ser aplicadas no campo da saúde mental, evidenciado por Silva, Feijoo, Protasio (2015, p. 284) que afirmam que “Binswanger e Boss inauguraram a daseinsanálise, ou seja, uma interpretação das enfermidades psíquicas com base na analítica do Dasein.”

4 A ANÁLISE EXISTENCIAL DE BINSWANGER

Ludwig Binswanger (1881-1966) era um médico suíço com formação psiquiátrica junto a Bleuler e a Jung, no hospital Burgholzli. Foi diretor do Sanatório Belleuve, fundado por seu avô, em Kreuzlingen, na Suíça. (MOREIRA, 2011, p. 175). Para Binswanger, a questão fundamental da psicopatologia “é a do Ser e das relações do fenômeno psicopatológico com a existência daquele que o padece” (MOREIRA; CRUZ, 2005, p. 385). Distanciando-se assim, da perspectiva de Jasper, e se aproximando de Heidegger, conforme Moreira (2011, p. 176) a respeito das obras de Binswanger, essa:

não se restringe apenas a descrever as vivências dos doentes e seus encadeamentos psíquicos ou naturais que levaram ao surgimento da doença, como o faz Jaspers, mas apreender as condições particulares de existência de um indivíduo singular em relação aos existenciais descritos por Heidegger no plano ontológico. (MOREIRA, 2011, p. 176)

Elaborou sua teoria “daseinsanálise” através de seus estudos dos trabalhos de Husserl e de Heidegger. Apesar de afirmar que “seu pensamento permanece mais próximo do de Husserl do que do de Heidegger” (MOREIRA, 2011, p. 177), reitera-se que Heidegger exerceu grande influência para o autor por causa do seu conceito de Dasein (ser-no-mundo). Para Silva, Feijoo e Protasio (2015, p. 284) “a daseinsanálise vai se constituir em outra modalidade de pensar a psicopatologia, que se inicia pela destruição operada por Heidegger (2001) dos conceitos utilizados pela tradição”.

Ademais, acerca da teoria psicanalítica, inicialmente adotada pelo autor, Moreira e Cruz (2005, p. 384) problematizam que na percepção de Binswanger “as teorias freudianas não davam importância suficiente à relação intersubjetiva e reduziram o Ser a um sistema – o aparelho psíquico que encerraria o homem em categorias biológicas e psicológicas [...]”

Contudo, Pereira (2001, p. 138) afirma a aproximação da teoria de Binswanger e a teoria psicanalítica ao apontar que “a concepção binswangeriana de psicoterapia consistirá numa tentativa de aprimoramento da psicanálise, pelo esforço de submeter os fundamentos de sua prática às exigências de uma antropologia fenomenológica”.

As obras de Binswanger produziram uma mudança na maneira de perceber o fenômeno, pois buscava com seu método ir para além da descrição das vivências dos doentes e seus encadeamentos psíquicos construída por Jaspers; pretendendo assim

descrever a experiência de mundo e as condições de existência tal como estas se dão nas circunstâncias particulares de cada Dasein [...] trata-se, portanto, de descrever o mundo a partir da perspectiva e das possibilidades daquela existência singular. (PEREIRA, 2001, p. 140).

No entanto, este objetivo fora descrito a partir de transformações de suas obras e a percepção do autor sobre esta, em que “a análise existencial teria sido inicialmente um novo método de pesquisa, buscando lançar as bases científicas da psicopatologia e da psiquiatria. Só secundariamente ela teria se organizado como proposta de tratamento” (PEREIRA, 2001, p. 138).

Outro importante fator presente nas obras deste autor, refere-se a sua percepção sobre o sujeito em que “descreve modos simultâneos de ser no mundo de seus pacientes, distinguindo três regiões do mundo: Umwelt, Mitwelt e Eigenwelt.” (MOREIRA, 2011, p. 176).

Umwelt se refere ao mundo físico, meio ambiente, é o mundo ao redor, mundo este onde encontramos também os animais. Mitwelt retrata o mundo das relações, o social, nossa convivência com o outro e a constituição das nossas relações. Desse mundo os animais já não fazem parte, ou seja, o Mitwelt nos institui como seres humanos. Por último, o Eigenwelt constitui o mundo particular, aquele interno, a autoconsciência, a relação consigo mesmo. (MOREIRA, 2011, p. 176)

Todo esse corte proposto por Binswanger ao construir sua teoria aponta uma questão fundamental para a psiquiatria, que seria a possibilidade de ela olhar para a existência total do humano, criando uma relação do fenômeno com aquele que dele padece (MORERIA; CRUZ, 2005, p. 385). Assim, descarrega da doença sua característica de estigmatização, ampliando-se para uma perspectiva diferente de doença, sujeito e a relação existente entre esses e o mundo.

Compreendendo o conceito de corporeidade de Biswanger, apontado por Moreira e Cruz (2005, p. 386) afirma-se um desprendimento ao biológico, e reforça-se a necessidade de compreensão nos modos que o sujeito vivencia seu corpo, como o sente e percebe; constrói-se assim, uma nova forma de perceber o patológico, e o sujeito considerado adoecido.

A concepção de patologia para o Biswanger é atravessada pela ideia de uma vivência autêntica ou inautêntica. Para Moreira e Cruz (2005, p. 387), “a experiência autêntica está relacionada com a de abertura para Koinos Cosmos, enquanto a experiência inautêntica é um estado de decadência e desamparo em que o ser-aí entra em anonimato, anulando a sua singularidade de existência.

Moreira (2011, p. 177) explica que nessa experiência inautêntica, a presença fica limitada em torno de uma categoria de existência – por exemplo, quando a presença fica limitada à corporalidade, tem-se o Dasein hipocondríaco; o que Binswanger vai chamar formas de existência frustradas. Assim o indivíduo se fecha em si mesmo perdendo o eixo comum com o mundo e com o outro. “A presença psicopatológica se projeta, assim, de diferentes formas: presenças perdidas (melancolias), momentâneas (manias), vazias (esquizofrenias), exibicionistas (histeria), e controladas (transtorno obsessivo compulsivo).” (MOREIRA, 2011, p 177).

A mudança de percepção do patológico aqui apresentada também aponta para um novo modo de tratamento desses sujeitos, em que a análise existencial “constitui uma tentativa de abrir certas formas de existir – fechadas, repetitivas e que acarretam sofrimento inútil e incapacidade de autorrealização, a novas possibilidades estruturais de existência” (PEREIRA, 2001, p. 141).

Na elaboração do método, há 5 diretrizes básicas para a psicoterapia, em um texto de 1954 de Binswanger, e aqui aludida por Pereira (2001, p. 140-141)

1. Explorar a história de vida do paciente, compreendendo-a como flexões de estrutura total do “ser-no-mundo”;
2. Provocar uma reviravolta existencial, por intermédio de um “aprender pela experiência”. Para Pereira (2001, p. 141), “aqui o terapeuta é comparado a um guia de montanhas competente, que conhece o terreno em questão e que avança com o turista[..]”
3. Diz respeito à relação terapêutica. O terapeuta não deve constituir uma relação sujeito e objeto, mas sim propiciar um parceiro no ser-aí, construindo uma relação recíproca tendo a cooperação e a confiança em sua base.
4. Trata-se dos sonhos. Aqui a experiência onírica tem uma dimensão importante na psicoterapia, pois, para Binswanger, o sonho é uma das apresentações do Dasein;
5. Neste momento Binswanger diz que a analítico-existencial não pode prescindir de outros métodos consagrados, mas tem sua especificidade, abrindo ao homem a compreensão da sua estrutura Dasein.

Por fim, a analítica existencial de Binswanger recebeu variadas denominações assumidas como Daseinsanalyse, Análise Antropológica-Fenomenológica e Análise existencial (Mo-

reira, 2011, p. 177), mas independentemente das nomeações que a circundam, a contribuição dada pelo autor denota uma mudança na leitura da saúde mental e de quem dela sofre.

A psicoterapia, é agora considerada uma “reconciliação do homem consigo mesmo e, portanto, com o mundo; ela é a metamorfose da hostilidade em relação a si mesmo em uma relação amigável consigo mesmo e com o mundo” (MOREIRA e CRUZ 2005, p. 384). Assim, sua obra possibilitou que esses sujeitos pudessem ser apreendidos para além da doença que o classifica, sendo percebidas como sujeitos inseridos em um meio ambiente (Unwelt), em relação com outro (Mitwelt) e em relação consigo mesmo (Eigenwelt).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dicotomia existente entre normal-patológico se torna alvo de grandes estudos na medida em que a sociedade busca respostas e resoluções para melhor compreender essa linha tênue que separa os dois mundos; face da mesma moeda. Assim, diversas áreas do conhecimento procuram compreender de forma mais ampla essa temática, para Silva, Feijoo, Protasio (2015, p. 281) “apesar de diferentes áreas relacionarem-se com a psicopatologia, entre elas a antropologia, história, filosofia e psicologia, duas têm sido as mais utilizadas para a compreensão desses fenômenos psíquicos: a medicina e a psicanálise”

No entanto, com a inserção de outras áreas de estudos para compreensão do tema, a percepção sobre a saúde mental e de quem dela sofre, foi aos poucos tomando novas formas. A partir do levantamento teórico, reconhece-se que a saúde mental, é um tema, atualmente, muito discutido no âmbito de todas as teorias, em especial para a psiquiatria e psicanálise, conforme aponta Lopes (2001, p. 29), acerca dos estudos da área, “um conhecimento mais aprofundado vem sendo feito, obtendo-se assim duas especialidades: a linha psicanalítica e a linha psiquiátrica”.

No entanto, este estudo, ao apresentar os principais construtos teóricos dos autores Karl Jasper, Martin Heidegger e Ludwig Binswanger, almejou contribuir para o conhecimento acerca da compreensão da saúde mental sob os aspectos da fenomenologia, perspectiva não tão difundida no trato do assunto.

Inicialmente em Jasper, que busca uma psicologia subjetiva, contudo objetiva, é possível observar a preocupação imbricada em suas obras, com o nível de cientificidade, buscando na psicopatologia fenomenológica, compreender os fenômenos da saúde mental, contudo, os delimitando e classificando. Em contrapartida, Heidegger, apresenta uma perspectiva nova em que o ser, será sempre um ser-ai, (dasein), ou seja um sujeito em construção, que ao transfor-

mar o seu meio, é por ele transformado. Em suas obras, a cisão sujeito e objeto se perde, ao compreender que os dois caminham juntos, dando uma nova forma para compreensão daquilo que seria um adoecimento ou “normalidade”.

Ludwig Biswanger, traçando um caminho influenciado por Heidegger, traz um construto interessante, ao se pensar no campo da psicoterapia. Este autor “foi o primeiro estudioso que utilizou o termo *daseinsanalyse* fora do contexto filosófico, ao aproximar o pensamento heideggeriano da compreensão da existência concreta de seus pacientes e da psiquiatria (CARDINALLI, 2015, p. 250).

Ele avança nos pensamentos de seu influenciador, buscando uma atenção maior na compreensão da subjetividade do sujeito e todos os aspectos imbricados em seu universo. Trazendo a patologia, a ser compreendida não apenas pelos sintomas, mas para os modos que o sujeito experiêcia seu próprio corpo e seu meio, o autor avança na compreensão de uma saúde mental que não cause uma cisão do “louco” e do “normal”, e que evidencie as vivências autênticas e inautênticas do sujeito.

Assim, apesar de cada autor apresentar as particularidades de sua obra, reconhece-se a partir do levantamento bibliográfico à correlação existente entre suas teorias, ao se buscar construir uma compreensão da saúde mental que não se torne excludente. Ademais, no estudo histórico para construção de suas ideias, Jasper, Heidegger e Biswanger, foram influenciados e influenciadores, um dos outros, apontando para uma interconexão de seus discursos na medida que estudaram os autores anteriores em evidência e avançaram em suas perspectivas acrescentando suas particularidades.

Por fim, a construção feita neste trabalho demonstra as mudanças de paradigma relacionadas à saúde mental. No entanto, este é um estudo ainda raso, que buscou fazer uma alusão conceitual dos termos, mostrando para o leitor outras saídas para leitura do tema, apontando novas possibilidades. Contudo, ressalta-se a necessidade de ao se optar por um construto teórico realizar um aprofundamento das discussões da teoria escolhida, sendo necessário principalmente para uma atuação profissional concisa e segura, com vistas ao melhor tratamento para os pacientes.

REFERÊNCIAS

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 249-258, Ago. 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000200249&lng=en&nrm=iso acesso em 11 abr. 2021

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Rev. Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 82-100, abr. 2020 Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/12005> acesso em 10 abr. 2021

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; MATTAR, Cristine Monteiro. A desconstrução da psicossomática na análise existencial de Heidegger e Boss. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 651-662, Dec. 2015 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415 08 abr. 2021

GIL, Antônio Carlos. Utilização de Documentos *In: Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. Atlas S.A, ed 6ª, São Paulo, 2008, p. 44-45. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1N5BcrODIUsxeAoE2VPQ2nr7jDYUAt0k5/view> acesso em 13 abr. 2021.

JASPERS, Karl A abordagem fenomenológica em psicopatologia. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, VIII(4),769-786. 2005 Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017491013> acesso em 10 abr. 2021

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. katálisis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso acesso em 21 Abr. 2021.

LOPES, J.L A psiquiatria na época de Freud: evolução do conceito de psicose em psiquiatria. **Rev. brasileira de psiquiatria** 23 (1). 28-33 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v23n1/a07v23n1.pdf> acesso em 12 abr. 2021

MOREIRA, Virgínia; CRUZ, Ana Vlândia Holanda; VASCONCELOS, Luciana Ballespi. O caso Ellen West de Binswanger: fenomenologia clínica de uma existência inautêntica. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 382-396, set. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000200010&lng=pt&nrm=iso acesso em 10 abr. 2021.

MOREIRA, Virginia. A contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a psicopatologia fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 172-184, dez. 2011, Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200008&lng=pt&nrm=iso acesso em 10 abr. 2021

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Sobre os fundamentos da psicoterapia de base analítico-existencial, segundo Ludwig Binswanger. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo v. 4, n. 1, p. 137-142, Mar. 2001 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142001000100137&lng=en&nrm=iso acesso em 12 abr. 2021

RODRIGUES, Adriano Carvalho Tupinambá. Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em psicopatologia. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 754-768,

Dez. 2005 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142005000400754&lng=en&nrm=iso acesso em 08 abr. 2021

ROEHE, Marcelo Vial. Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 11, n. 2, p. 153-158, Ago. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200004&lng=en&nrm=iso acesso em 10 abr. 2021

SILVA, Julia Novaes; FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; PROTASIO, Myriam Moreira. A psicopatologia em uma perspectiva daseinsanalítica. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 18, n. 2, p. 280-291, Junho 2015 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000200280&lng=en&nrm=iso acesso em 13 abr. 2021.